

Rubem Braga

M 154
e M out. 52
ELE/ELA out. 77
DN 24.5.66
F 201 Jan. 82
RN 159

O PRIMEIRO SEGRÊDO

A carta é escrita por uma pessoa que diz que “para adotar um nome qualquer eu me assinarei — Maria”; é tão ingênua quanto comovente. Ingênua porque inspirada na vaga esperança de que um desconhecido, só pelo fato de escrever na revista, e às vezes, sobre coisas de amor e suas tristezas, possa lhe dar algum conselho útil, ou pelo menos esclarecer suas dúvidas mortificantes. E comovente, porque é escrita de alma aberta, sem a menor preocupação de valorizar o próprio caso. “Sei que isso tem acontecido com muitas, que é perfeitamente banal, mas você, que é homem, talvez possa me dizer...”

E seu tom, que às vezes quase chega ao desespero, tem, em outras linhas, um sabor de quem faz ironia consigo mesma, sabendo, por experiência, que nem a inteligência nem a sensibilidade lhe adiantam de muita coisa — e que, afinal, é ridículo, ou pelo menos inútil, levar as coisas pelo lado patético.

A certa altura, ela me criva de perguntas, umas angustiosas, outras engraçadas, e conta minúcias assim: “Ele muitas vezes se referiu, sorrindo, ao fato de que eu não sei pregar um botão direito, e sempre acreditei que ele achasse engraçada essa minha falta de habilidade e também um certo desprêzo que sempre tive por esta e outras “prendas domésticas”; agora eu sei que quando lhe estava para cair um botão do paletó, êle o arrancava e guardava no bôlso para quando se encontrasse com uma certa amiga minha — a tal — que lhe dizia,

de um modo que êle não sabia se era carinhoso ou zombeteiro, que adorava pregar botões. E que, meio de brincadeira meio a sério (ela dizia que para não me comprometer, a mim que lhe estou escrevendo esta carta), propôs que êles guardassem entre si êsse negócio de pregar botões como segrêdo; você desculpe eu estar lhe contando essas ninharias (que eu soube por pessoa a quem êle contou), mas acontece que, depois dessa brincadeira de “ter um segrêdo em comum”, êles começaram a ter mais um e mais outro, e no fim tiveram tantos que isso deixou de ser segrêdo para todo mundo... menos para mim, que ainda estive muito tempo bobeando.”

E lá vem uma dessas perguntas infantis e angustiosas, que só as mulheres abandonadas fazem: “Será que é mesmo importante para um homem essa coisa de mulher saber pregar botões?”

* * *

Não, minha senhora, eu não responderei a esta pergunta, nem a tantas outras que me faz, mesmo porque algumas delas envolvem questões que a humanidade procura resolver desde o comêço dos tempos.

Tudo o que a experiência me ensinou a aconselhar, em matéria de tristezas de amor, é apenas isto: “Paciência, que passa; e quando não passa, melhora.”

O que é horrivelmente pouco, e triste, mas é, na verdade, honestamente, tudo o que posso dizer.

M 491 - 16.9.61